

Mística e psicanálise: Um caso de estigmatização somática*Mysticism and psychoanalysis: A case of somatic stigmatization.*

ARIO BORGES NUNES JUNIOR

119

LEITURA**Klein: legado e contemporaneidade***Klein: Legacy and contemporaneity.*

ELIANE MICHELINI MARRACCINI

141

Um olhar sobre a questão do Feminino e do Masculino*A look at the issue of Female and Male.*

JOSÉ CARLOS GARCIA

153

TRADUÇÃO**Uma introdução à obra e ao pensamento de Donald Meltzer**

MEG HARRIS WILLIAMS

TRADUÇÃO: ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

159

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

183

A importância do fator destrutividade na formação simbólica e na constituição do psiquismo

PEDRO BELARMINO GARRIDO

RESUMO: O artigo aborda a pesquisa de Melanie Klein sobre o processo de formação simbólica e sua repercussão no aparelho psíquico, considerando o conceito de fantasia e a construção da realidade (psíquica). Considerando o fator destrutividade, a proposta deste escrito é também a de criar um campo de reflexão sobre a importância dos impulsos sádicos e hostis no processo de formação simbólica e na constituição do psiquismo.

PALAVRAS-CHAVE: Klein; Impulsos destrutivos; Fantasia; Simbolização.

Desde os primórdios da psicanálise a palavra e seu avesso, ou seja, o símbolo e sua ausência ou sua presença sem contorno bem definido, estiveram no centro das discussões, determinando conceitos e construções metapsicológicas distintos. *Representação palavra, representação coisa, traço mnêmico* (FREUD); *significante, significado* (LACAN); *equação simbólica, formação de símbolo* (KLEIN), são alguns exemplos de termos usados por diferentes psicanalistas para organizar metapsicologicamente o impacto da palavra, do símbolo, na constituição do psiquismo.

O termo *símbolo* provém do grego *simboleim* e se refere a um objeto que

Psicólogo e psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro da equipe multidisciplinar de cirurgia bariátrica do Instituto Garrido.

é dividido em dois, sendo que uma parte ficaria para uma pessoa e a outra seria dada a um(a) companheiro(a) num momento específico de separação, em que ambos ficariam muito tempo sem se ver e, na ocasião do reencontro, o encaixe das duas partes do objeto se torna a garantia do reconhecimento (MELSOHN, 2010). O presente artigo justamente pretende abordar questões relativas ao reconhecimento do objeto após as primeiras experiências de separação e frustração. A importância dos impulsos hostis e destrutivos nesse processo ganha relevância a partir do trabalho de Melanie Klein e é o principal destaque deste artigo, que discute as peculiaridades do processo de simbolização.

Para desenvolver as questões apresentadas faz-se necessário reintroduzir a conflitiva edipiana através do pensamento de Klein, já que esta se propõe a analisar a constituição do aparelho psíquico em crianças pequenas. O que seu trabalho revelou logo de início é que o conflito edipiano se instala já na segunda metade do primeiro ano de vida. Klein observou que os terrores noturnos, presentes em algumas crianças que analisou (como por exemplo, Rita e Trude), eram expressão de um conflito edipiano em que ataques de ansiedade e raiva, assim como fortes sentimentos de culpa correlacionados, diziam respeito ao conflito edipiano, que ela definiu como arcaico (KLEIN, 1932).

De fato, para Melanie Klein, o complexo de Édipo é desencadeado pela frustração oral do desmame. Uma ideia sempre presente no início de sua obra é de que a ansiedade está relacionada à frustração e aos consequentes impulsos hostis direcionados ao objeto frustrante. A criança teme a castração porque formulou desejos de morte contra a mãe e o pai. A origem desses impulsos hostis contra as figuras parentais está embasada na frustração do desmame ou naquilo que representa: a ausência do seio nutridor (mãe). Portanto, se a criança desejou o mal a seu pai ou a sua mãe resta-lhe receber de volta tal agressão com a mesma intensidade com que a depositou contra seus objetos.

Utilizando-se dos recursos da clínica, Klein ilustra sua hipótese teórica. No caso de Rita, a menina teme a destruição do interior de seu corpo. Num primeiro momento, não ousa assumir o papel de mãe na brincadeira de boneca para evitar ser atacada pela filha (identificada com a mãe, Rita projeta na boneca seus impulsos) e, num segundo momento, cobre-se com o cobertor ao dormir, para evitar ser atacada pela mãe má introjetada. Ruth e Peter,

outros casos atendidos por Klein, temem ser cortados em pedaços e *devorados* pelos pais (KLEIN, 1932).

O que se configura, do ponto de vista teórico, é uma articulação entre a ansiedade, os impulsos hostis e a introjeção dos objetos. Isso implica a constituição de um mundo interno em que se observa que a atitude da criança em relação a seus pais não é determinada pela forma como os pais lidam com ela na realidade e sim por uma imago¹ interna que representa a figura dos pais, deformando-os. Erich, outro paciente atendido por Klein, era um menino que tinha fobia de escola. Ele imaginava que ao longo do caminho da escola uma feiticeira iria atacá-lo, esvaziando um pote de tinta sobre ele. Essa figura, a feiticeira, é considerada na visão kleiniana como uma imago interna que representa a mãe. Trata-se de uma mãe distorcida e transformada numa feiticeira que ataca. São as leis do inconsciente já anunciadas por Freud em *Interpretação dos sonhos*, em que os processos de condensação e deslocamento estão em curso. O que Klein traz à tona é que as crianças vivem o dia a dia como se fosse um sonho. Elas não necessariamente alucinam, mas transformam a figura da mãe, introjetando-a de forma distorcida e, assim, criam fantasias. De fato, a própria mãe passa a ser uma fantasia, com a delicada e assustadora constatação de que a mãe criada no mundo interno (e temida porque assume o papel daquela que reagirá aos desejos hostis satisfeitos no mundo interno) é projetada na mãe real – há uma transferência que se delineia.

O termo *devorar* usado por Klein não é qualquer um, diz respeito à organização canibalística do desenvolvimento, portanto, oral – a primeira grande frustração é o desmame e implica a oralidade. Ela sustenta que a própria criança deseja destruir o objeto libidinal mordendo-o, devorando-o e cortando-o, o que leva, como já dito, à angústia na medida em que o objeto, uma vez introjetado, reage. Esse objeto que já podemos nomear de superegótico se torna, então, algo que morde, devora e corta (um superego primitivo, cruel e sádico). Em outras palavras, o ego, em função da pulsão hostil (de destruição), cuja origem está

1. Imago: termo que indica uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais (ROUDINESCO, 1998).

fundamentada na frustração, lança para o exterior² sua crueldade em direção ao objeto introjetado e, conseqüentemente, só hostilidade receberá em troca. Cito aqui novamente o caso de Ruth e Peter: eles temem ser cortados em pedaços e devorados pelos pais.

Klein nos interroga, portanto, sobre a noção de realidade que temos a partir desses fenômenos observados em pacientes. Como sustentar que determinados fenômenos vividos fazem parte da realidade? De que realidade estamos falando? E como podemos organizá-la psiquicamente?

Justamente a análise de crianças entre dois anos e meio e cinco anos de idade fez com que Klein (1930, p. 266) chegasse à seguinte conclusão: “A realidade externa de início é antes de mais nada um espelho de sua própria vida pulsional.” Nesse período da vida as relações humanas são dominadas por anseios sádicos-orais, que são intensificados pelas experiências de frustração e privação. O resultado dessa vivência de ansiedade é o direcionamento das pulsões sádicas aos objetos, sendo que na fantasia da criança esses objetos a tratarão com a mesma qualidade sádica. Essa relação é o que Klein chama de *realidade primitiva* da criança.

É interessante constatar como o sadismo (impulsos hostis e destrutivos) constitui a primeira relação da criança com o mundo externo e exige do eu uma aptidão para suportar as primeiras situações de ansiedade e criar uma atividade que busque dar forma àquilo com que/quem se relaciona. Para essa atividade psíquica, anterior à representação psíquica propriamente dita (*Vorstellung*) e ao recalque (*Verdrängung*) postulados por Freud, Melanie Klein (1937, p. 349) propôs a grafia fantasia e a definiu como a mais primitiva das atividades mentais:

Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por um tipo de atividade mental que julgo ser a mais primitiva: a construção da fantasia ou, em termos mais coloquiais, o pensamento imaginativo. Por exemplo: o bebê que

2. O *exterior* é diferente de mundo externo. O *exterior* está contido no mundo interno, portanto, faz sentido dizer que o sadismo é ejetado (lançado para o exterior) e direcionado ao objeto introjetado.

deseja o seio da mãe quando ele ainda não está lá pode imaginar sua presença, i.e., pode imaginar a satisfação que obtém dele. Esse fantasiar primitivo é a forma mais arcaica da capacidade que mais tarde se transforma na atividade mais elaborada da imaginação.

Susan Isaacs (1943, p. 288) confirma o pensamento de Klein: “Fantasia é o corolário mental, o representante psíquico da pulsão. Não há pulsão, não há necessidade nem de reação pulsional que não sejam vividas como fantasia (inconsciente).” Isaacs salienta o caráter de significação do termo fantasia ao tomá-lo como base de todos os processos de pensamento. Nesse sentido, diferencia os processos físicos dos psíquicos: os primeiros têm existência; já os processos mentais, significado (ISAACS, 1943).

Em outro momento de sua obra (*Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego* - 1932), elaborando a questão do conflito edipiano, Klein apresenta o conceito *pênis do pai*, que implica um estágio do desenvolvimento em que a distinção entre eu/não-eu, ou seja, a diferenciação entre sujeito e objeto ainda não está clara o bastante. Nesse momento do desenvolvimento os objetos são assimilados de forma parcial e não de forma total e integrada. Sendo assim, o conceito *pênis do pai* contém a noção de objeto parcial e aborda um ponto específico da relação da criança com a mãe, em que esta a frustra pela sua ausência, pela sua falha. Do ponto de vista psicanalítico, a ausência da mãe sugere a presença do pai, porém num estado arcaico do desenvolvimento este é fantasiado dessa forma: um pênis/pai aterrorizante que combinado à figura da mãe (o pênis do pai dentro da mãe) representa o coito dos pais. Para Klein (1930, p. 153), a fúria e ansiedade vivenciada pela criança a partir da frustração da falta da mãe e pela fantasia da cena primária se associam a fantasias sádicas de destruição da figura da mãe e do pai, tanto individualmente como juntos:

A criança também tem fantasias em que os pais se destroem uns aos outros por meio de seus genitais e excrementos, que são sentidos como armas perigosas. Essas fantasias têm efeitos importantes e são muito numerosas, e contêm ideias tais como: o pênis, incorporado na mãe, se transforma em um animal perigoso ou em armas carregadas de substâncias explosivas; ou a vagina da

mãe, também, é transformada em um animal perigoso ou algum instrumento de morte, como por exemplo, uma ratoeira envenenada.

Ou seja, a *pulsão destrutiva*, própria do linguajar kleiniano, liga-se ao objeto mãe ou pai (seio ou pênis) transformando-o segundo sua qualidade.

Portanto, o que ela sustenta do ponto de vista da apreensão da realidade e da organização psíquica, que se produz a partir da experiência objetual, é que o objeto adquire uma qualidade, um colorido, conforme a combinação, no sujeito, da pulsão libidinal e da pulsão destrutiva. O termo *combinação* implica, o que Klein demarca bem em seus escritos, a fusão existente entre a pulsão libidinal e a destrutiva. Quando ela esclarece que o menino quer *realizar a união genital com a mãe*, deixa evidente a existência da pulsão libidinal e ao afirmar que, simultaneamente, o menino quer *destruir o pênis do pai*, ela demonstra como a pulsão destrutiva aparece fundida à pulsão libidinal. Em uma nota de rodapé, em que faz uma correlação com *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*, Klein (*Idem, ibidem*, p. 156) acrescenta que “é apenas nos estágios posteriores do conflito edípiano que a defesa contra os impulsos libidinais faz sua aparição; nos estágios anteriores é contra os impulsos destrutivos que a defesa se dirige”.

Para reforçar sua argumentação, a autora ainda conclui que as tendências edípicas da criança se manifestam quando o sadismo se acha no auge. De fato, ela afirma que os impulsos de ódio iniciam o conflito edípiano e a formação do superego e governam os estágios mais arcaicos e mais decisivos de ambos. Justamente porque o sadismo está no auge nessa fase sádico-oral, as primeiras introjeções de objetos, as primeiras catexias de objetos e *identificações*, dão uma imagem irreal e distorcida dos mesmos. Eles apresentam a qualidade sádica típica dessa fase. Dessa forma, o pênis do pai (objeto parcial) é equiparado a armas perigosas de vários tipos e animais que envenenam e devoram, da mesma forma a vagina (outro objeto parcial) *representa* uma abertura perigosa. Sendo assim, o superego se torna algo que morde, devora e corta: é perigoso. Agora, isso que é *equiparado e representa* não é, repito, o início do aparelho psíquico representacional de Freud e sim a evidência de estágios muito arcaicos de simbolização, de forma que não podemos usar a expressão

representação psíquica propriamente dita. Ainda assim, nitidamente, Klein já nos apresenta um aparelho psíquico que trabalha na direção da formação do *símbolo*. A quantidade de vezes que os termos *identificação*, *equação* e *símbolo* e seus derivados aparecem nesse seu trabalho revela, inclusive, a sua preocupação com a questão da simbolização.

Isso implica pensar a questão da realidade (psíquica), o quanto a criança pode alcançar uma relação com o objeto, sem que este se apresente de forma tão distorcida. Klein (*Idem, ibidem*, p. 163-164) aponta para a importância dos mecanismos de ejeção, projeção e introjeção; com ênfase na ação recíproca entre projeção e introjeção:

A ação recíproca entre projeção e introjeção parece ser de importância fundamental não apenas para a formação do superego como também para o desenvolvimento das suas [do bebê] relações de objeto e sua adaptação à realidade. A premência forte e contínua sob a qual ele se encontra para projetar suas identificações aterrorizantes sobre os seus objetos resulta, ao que parece, em um impulso aumentado para repetir o processo de introjeção de novo e de novo e é, assim, ela própria um fator decisivo na evolução de seu relacionamento com os objetos.

O medo que a criança tem de seus objetos introjetados cria uma situação de desconforto tal, que a mesma tende a projetar esse medo (*Angst*, em alemão) ou angústia para o mundo externo. Ao fazer isso, Klein (*Idem, ibidem*, p. 167) entende que “ela equaciona seus órgãos, fezes e toda sorte de coisas, bem como seus objetos internalizados, com seus objetos externos; e também distribui o medo que sente pelo objeto externo por um grande número de objetos, equacionando-o com outros”. Uma articulação com seu artigo “A importância da formação de símbolo no desenvolvimento do ego” (1930) nos permite dizer que os objetos se tornam fontes de ansiedade e na medida em que a criança procura se afastar ou se defender desses objetos, cria novas equações, estimulando o desenvolvimento de símbolos.

Isso me faz pensar que a construção simbólica é um processo de transformação, que se origina de impulsos hostis e destrutivos (sadismo) e que se

torna sofisticada conforme os processos de projeção e introjeção se desenvolvem. Em outras palavras, o medo que a criança tem dos objetos detentores de seus próprios impulsos destrutivos projetados faz com que ela equacione esses objetos com outras coisas presentes no mundo externo. Estas outras coisas tornam-se também objetos de ansiedade, porém com um certo afastamento do objeto original que foi identificado por projeção com o fator destrutividade. Na continuidade desse processo, as sucessivas equações estimulam o desenvolvimento dos símbolos e promovem um afastamento ainda maior deste objeto persecutório³. E isso, justamente, diminui a força das imagens aterradoras, já que a criança se depara com objetos reais que têm uma boa disposição com relação a ela.

Sintetizando, a lógica da fantasia se dá em dois tempos na obra de Klein. Num primeiro momento se dá através do *simbolismo primário pulsional*: obedecendo a lógica das identificações, das projeções e do sadismo – este último se apresentando como elemento que funda a relação do eu com o mundo externo; e num segundo momento, através do *simbolismo da fantasia nomeada*, que se estabelece por intermédio da relação verbal com um outro, em que as fantasias e “verdadeiros símbolos” se consolidam como uma realidade autêntica em substituição a “realidade irreal” pulsional (KRISTEVA, 2002).

E, finalmente, finalizo esta breve reflexão temperada com elementos hostis e destrutivos com uma pitada de pulsão de vida e amor. Klein sustenta que o processo de amadurecimento se sedimenta no adulto normal a partir do momento em que surge a percepção de que desejos sexuais podem ser transferidos para outras pessoas e satisfeitos, que essas outras pessoas não são idênticas aos objetos originais, mas os representam; a partir do momento em que surge a percepção de que pode haver um certo distanciamento das figuras parentais, sem necessariamente haver rupturas, já que os sucessivos mecanismos de introjeção e projeção sustentaram o que Kristeva chamou de *realidade autêntica*.

Nas palavras de Klein (1937, p. 358), somente “quando o indivíduo cresce,

3. Klein (1932) trata deste assunto também em nota de rodapé, na página 167, e faz novamente uma articulação com seu texto anterior *A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego* (1930).

no verdadeiro sentido da palavra, é que as suas fantasias infantis podem ser realizadas no estado adulto”. Isso promove um alívio da ansiedade na medida em que o desejo sexual pôde ser realizado de uma forma permissível e que os danos associados aos impulsos destrutivos direcionados aos objetos originais se deram no campo fantasmático e representacional e, portanto, não atuados no real.

The importance of the destructiveness factor in the symbolic formation and in the psychic constitution

ABSTRACT: *This paper intends to analyze the symbolic formation process, considering the concept of fantasy and also intends to offer some contribution on the ideas that Melanie Klein left registered about the correlation between destructive impulses and symbolism.s.*

KEYWORDS: *Klein; Destructive impulses; Fantasy; Symbolism.*

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1900) *A interpretação dos sonhos*, v. 4 e 5.
- _____. (1926) *Inibições, sintomas e ansiedade*, v. 20.
- ISAACS, S. (1943) *Natureza e função da fantasia*. In: *As controvérsias Freud-Klein, 1941-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- KLEIN, M. (1930) *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1930) *A psicoterapia das psicoses*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1932) *A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- _____. (1932) *A técnica da análise de crianças pequenas*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1932) *As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1932) *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1932) *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1935) *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1937) *Amor, culpa e reparação*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KRISTEVA, J. (2002) *O gênio feminino: A vida, a loucura, as palavras: Melanie Klein (Tomo II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MELSOHN, I. (2010) *Peculiaridades do processo de simbolização*. In: *Distúrbios alimentares: Uma contribuição da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2010.
- ROUDINESCO, E. (1998) *Dicionário de psicanálise: Elisabeth Roudinesco, Michel Plon*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Pedro Belarmino Garrido

Rua Horácio Bandieri, 13 - São Paulo, SP

CEP: 05653-030

Telefone: (11) 99636-5810

E-mail: pbgarrido@hotmail.com

Do sonho de Bion ao contra-sonho de Lacan?

ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

RESUMO: Neste trabalho busca-se percorrer conceitos e conceituações psicanalíticas de autores da linha inglesa e francesa, detidamente Bion e Lacan, de modo a, ressaltando suas contribuições, encontrar paralelos e distinções que se traduzam em conversas e disjunções entre ambas e ambos, elegendo-se como eixo de desenvolvimentos as noções de sonho e - na medida do possível - de contra-sonho.

PALAVRAS-CHAVE: Bion; Lacan; Psicanálise; Sonho; Contra-sonho.

A psicanálise francesa, especialmente a lacaniana, seguiu uma trajetória bastante diferente das linhas gerais da de origem inglesa, inclusive pela famosa “excomunhão” de Jacques Lacan pela IPA em 1963, o que culminou na criação da *École Freudienne*. Mas antes mesmo disso, diferentes elementos conceituais ou de interlocução eram convocados para o desenvolvimento teórico de tais ‘escolas de pensamento’, sendo o estruturalismo e a dedicada discussão com a linguística, na França, bons exemplos de contrapostos à espécie de fenomenologia e idealismo que perpassam toda a perspectiva de orientação inglesa. Apesar disso, se ambas partem de Freud e de experiências clínicas, quer dizer, se ambas partilham de fundamentos comuns, é como se diz por aí: ‘Não é possível que elas não tenham importantes

Psicanalista, Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae